



**EXPECTATIVAS
DOS EMPRESÁRIOS
AGRÍCOLAS**

Maria do Socorro Rosário

1998-2000

**Informação produzida
a partir de um painel
de produtores**

Índice

<i>Resumo</i>	2
<i>Introdução</i>	3
<i>1. Principais características do painel de empresários agrícolas</i>	7
<i>2. Evolução das expectativas no período de 1996 a 1998</i>	10
<i>3. Expectativas para 1998-2000</i>	12
3.1. Intenções de curto prazo para a modificação da empresa.....	12
3.2. O sentido das estratégias de médio prazo.....	16
3.3. A obtenção de rendimentos não agrícolas.....	23
3.4. A conjuntura agrícola em 1998.....	26
3.5. Perspectivas de médio prazo para a situação profissional na agricultura.....	29
3.6. Principais dificuldades sentidas pelo agricultor.....	35
<i>Conclusões</i>	39

Resumo

A informação sobre expectativas dos empresários agrícolas foi obtida através de entrevistas directas e pessoais realizadas junto de 1 313 produtores aderentes ao sistema RICA. Foram seleccionados cerca de 40% dos efectivos daquele sistema com base em critérios de conveniência, tendo em vista representar diversos segmentos da agricultura nacional. As entrevistas realizaram-se ao longo dos meses de Outubro e Novembro de 1997. Esta informação foi analisada após a integração de informação proveniente da Base de Dados RICA das empresas correspondentes.

A generalidade dos empresários agrícolas encontra-se expectante, sem manifestar grande motivação para introduzir alterações no sistema de produção a curto ou a médio prazo.

As intenções de modificação do sistema de produção em 1998 foram detectadas em cerca de 14% dos inquiridos, com 3.6% e 10.7% dos mesmos, respectivamente, em processos de diminuição e aumento da actividade das empresas.

Cerca de 87% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 11% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração; apenas 2% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa.

Na opinião dos inquiridos, a expectativa relativa ao ano de 1998 assemelha-se à do ano de 1997, com agravamento das tendências pessimistas para a generalidade dos produtores inquiridos - as opções “pior”, “igual” e “melhor” congregaram 36%, 47% e 17% dos empresários, respectivamente.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 61% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional; 30% consideraram que o quadro geral irá manter-se, e apenas 9% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro.

As dificuldades resultantes do Enquadramento Económico Global da actividade das empresas foram as mais referenciadas pelos inquiridos (51% das respostas); em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto de dificuldades, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (17% das respostas).

Os resultados obtidos denotam uma grande sensibilidade aos critérios de dimensão das empresas, orientação produtiva e nível de rendibilidade, idade do produtor e localização das empresas.

Introdução

A identificação e caracterização das expectativas dos agentes económicos num dado momento, o acompanhamento da forma como estas evoluem no tempo e se distribuem no espaço, constituem elementos de referência importantes para a tomada de decisões na esfera da política económica. As expectativas dos decisores determinam fortemente muitas das escolhas tomadas no nível microeconómico, mesmo quando a estas são adicionados elementos de decisão mais objectivos. De reduzido âmbito se revestirá, por exemplo, uma política de apoio aos investimentos aberta à generalidade dos produtores, quando apenas alguns deles visualizam um horizonte optimista para o enquadramento global da sua actividade.

No caso agrícola, a situação geral é de ausência de informação objectiva nas empresas que caracterize as expectativas de curto prazo dos empresários. Por outro lado, mesmo nos casos em que esta informação fosse acessível, dificilmente reflectiria com suficiente rigor o posicionamento dos empresários relativamente ao futuro próximo da sua actividade. Tal aconteceria porque a diversidade de sistemas produtivos, o carácter perecível das produções e de alguns factores, as formas usuais de comercialização dos produtos, entre outros aspectos, obrigariam a uma interpretação extremamente complexa dos resultados obtidos, sem que, à partida, se obtivessem garantias mínimas do sucesso desse empreendimento.

No que diz respeito às expectativas de médio e longo prazo, dificilmente se poderá abandonar um tipo de aproximação baseada na inquirição directa dos agentes económicos através da identificação das opções que se prendem com as intenções de investimento, de reconversão de processos produtivos ou organizacionais e, sobretudo, com a identificação de estratégias de médio prazo definidas para as empresas.

A volatilidade deste tipo de informação imprime características especiais à sua obtenção. Quer no que se refere ao médio prazo, quer nas questões mais imediatas, esta informação carece de permanente actualização, uma vez que está sujeita à influência

de muitos e variados factores que actuam de forma muitas vezes imprevisível e cuja importância relativa é determinada pelas características próprias de cada agente, ou seja, pela hierarquia de valores e objectivos que determinam a sua postura empresarial. A variedade de factores é elevada, uma vez que as expectativas são formadas a partir daqueles que se prendem, mais ou menos directamente, com a actividade produtiva em causa. Esta relação pode exercer-se quer através de um vasto conjunto de influências do quadro socio-económico e político global no qual cada agente se insere, quer, ainda, por meio de todo o conjunto de factores que se prendem com a posição do empresário enquanto indivíduo.

No que diz respeito às expectativas de médio prazo, elas valem por si só, enriquecendo anualmente o trabalho realizado. Relativamente às expectativas de curto prazo, para além da valia própria que decorre da disponibilização de informação infra-anual para identificar a perspectiva dos produtores sobre a evolução da campanha agrícola, constituem um elemento adicional a integrar, eventualmente, no acompanhamento da conjuntura agro-económica.

O sistema da Rede de Informação de Contabilidade Agrícola (RICA) foi inicialmente delineado tendo em vista produzir a informação necessária para o conhecimento anual dos níveis de rendimento e do funcionamento dos principais sistemas produtivos da agricultura nacional. Por este motivo, foi dada especial ênfase aos fluxos anuais de informação, gerando este sistema um conjunto detalhado de dados de cada uma das 3200 observações que constituem o actual painel de empresas.

Porém, nos anos mais recentes, foram realizados diversos ensaios exploratórios de obtenção de informação adicional. Nesta perspectiva de rentabilização do sistema, foram testados processos de produção de novas variáveis sobre o sector e a criação de fluxos de informação de cadência infra-anual, com o objectivo de acompanhar a formação do rendimento anual dos produtores. A oportunidade criada por este último tipo de iniciativas permitiu testar, ao longo dos anos de 1995 a 1997, a capacidade que o sistema possui para gerar informação no domínio das expectativas dos produtores.

A volatilidade deste tipo de informação introduz características especiais na sua co-
lheita, designadamente o desenvolvimento da capacidade de interpretação por parte
do agente inquiridor (neste caso, os técnicos regionais do MADRP afectos à RICA)
das respostas, muitas vezes difusas e pouco directas, obtidas dos inquiridos (os pro-
dutores aderentes ao sistema).

O relacionamento estreito estabelecido ao longo de alguns anos de contacto frequen-
te entre inquiridores e inquiridos constitui uma vantagem relativa da RICA, da qual é
possível tirar partido para a produção deste tipo de informação. O conhecimento pes-
soal do inquirido e da exploração agrícola por ele gerida permitem ao técnico aferir e
contornar dificuldades de captação da informação, ao mesmo tempo que possibilita a
produção de informação sem custo adicional. Este relacionamento "privilegiado"
pode introduzir, contudo, alguma interferência nos resultados, uma vez que ao técni-
co poderá, por vezes, ser difícil depurar da resposta dada pelo produtor a opinião
que, ao longo dos anos, ele próprio construiu sobre este último.

A estratégia seguida no ensaio realizado assentou na realização de duas operações
anuais: uma no início da campanha (Outubro/Novembro), através da qual são colo-
cadas questões de médio prazo - expectativas de médio prazo - a par de um conjunto
de elementos de apreciação da conjuntura - expectativas de curto prazo; a segunda na
Primavera do ano seguinte (Março/Abril), em que o conjunto de informação conjun-
tural é retomado, tendo em vista actualizar a informação da "primeira passagem" que
incide, fundamentalmente, nas culturas de Outono/Inverno, e captar um primeiro
conjunto de informação relativamente às actividades de Primavera/Verão.

A informação de médio prazo que é objecto de análise neste trabalho resulta da abor-
dagem de um conjunto de questões que se prendem com as intenções de investimen-
to, a caracterização das estratégias definidas para a empresa a curto e médio prazos e
as perspectivas dos empresários relativamente ao seu enquadramento profissional.

No que diz respeito à constituição do painel de empresários agrícolas optou-se por
uma sub-amostra do painel RICA, através de uma solução do tipo "amostra orienta-
da", com o intuito de assegurar a representatividade dos segmentos mais dinâmicos
da agricultura nacional; deixou-se às estruturas técnicas das equipas das Direcções

Regionais de Agricultura a selecção de cada produtor em concreto, atendendo à qualidade (definida *a priori*) das respostas obtidas.

1. Principais características do painel de empresários agrícolas

A informação obtida relativamente às expectativas de 1997/98 decorreu de entrevistas directas e pessoais a 1 313 produtores que integram o painel de explorações agrícolas da RICA (cerca de 40% das observações). As entrevistas realizaram-se ao longo dos meses de Outubro e Novembro de 1997.

Esta informação foi analisada após a integração de informação proveniente da Base de Dados RICA das empresas correspondentes, designadamente a Idade do Produtor, a Superfície Agrícola Útil da exploração, a sua Dimensão Económica e a Orientação Produtiva (de acordo com a Tipologia Comunitária das Explorações Agrícolas), o Nível de Rendibilidade da empresa e, finalmente, a Região Agrária na qual está localizada a unidade observada.

As 1 313 observações trabalhadas distribuem-se, segundo os critérios referidos, da forma apresentada no Quadro 1.1. A distribuição do painel por Região Agrária, para além das intenções traçadas no seu delineamento, reflecte também a aderência das estruturas regionais a esta iniciativa de trabalho.

A distribuição das empresas por Orientação Produtiva denota um cuidado de representação dos sistemas mais especializados, designadamente na Hortofloricultura, Bovinos, Ovinos e Grandes Culturas.

No que diz respeito à Dimensão Económica da actividade das empresas, verifica-se uma concentração dos efectivos nas classes de dimensão centrais, com 16% das observações incluídas na classe de menos de 4 UDE e 9% na classe de dimensão económica superior (mais de 40 UDE).

No que se refere à distribuição do painel pelos três níveis de Rendibilidade considerados (Rendibilidade Global dos Factores observada em 1996), verifica-se que 46% da amostra se situa na classe central de nível de remuneração média dos factores (o

que, em si, traduz níveis reduzidos de rendimento em termos absolutos), pertencendo 25% das observações à classe não rendível e 29% ao conjunto de classes de rendibilidade aceitável/alta.

A amostra trabalhada contém uma representação relativamente uniforme dos diferentes grupos etários considerados, variando de 47% dos efectivos nas classes superior a 50 anos, até um máximo de 28% das observações no grupo etário com menos de 40 anos.

Quadro 1.1 - Distribuição das Observações do “Painel Expectativas” Segundo Principais Características

Classes: Região Agrária

	nº exp.	%	IE 95
Entre-Douro e Minho	234	18	21
Trás-os-Montes	216	17	15
Beira Litoral	164	13	22
Beira Interior	81	6	8
Ribatejo e Oeste	174	13	16
Alentejo	236	18	7
Algarve	14	1	4
Madeira	84	6	3
Açores	107	8	4
Total	1313	100	100

Classes: Orientação Produtiva

	nº exp.	%	IE 95
Grandes Culturas	117	9	10
Horticultura	106	8	3
Cult. permanentes	292	22	22
Bovinos	294	23	8
Ovinos	133	10	5
Policultura	142	11	23
Agro-pecuária	200	15	27
Pecuária sem terra	29	2	2
Total	1313	100	100

IE 95-Inquérito às Estruturas das Explorações Agrícolas de 1995

Classes: Dimensão Económica

	nº exp.	%	IE 95
Pequenas	203	16	63
Pequenas/médias	254	19	19
Médias	382	29	10
Médias Grandes	351	27	8
Grandes	123	9	(*)
Total	1313	100	100

(*) Incluídas na classe anterior

Classes: Nível de Rendibilidade

	nº exp.	%
Fraco	331	25
Médio	597	46
Elevado	385	29
Total	1313	100

Classes: Idade

	nº exp.	%
<= 40 anos	363	28
40 a <=50 anos	334	25
50 a <=60 anos	264	20
> 60 anos	352	27
Total	1313	100

Classes: SAU

	nº exp.	%
Pequena	391	30
Pequena/média	472	36
Média	222	17
Média/grande	228	17
Total	1313	100

Cerca de 66% das observações são constituídas por empresas com menos de 20 ha de Superfície Agrícola Útil, integrando o painel 17% de empresas quer com mais de 20 a 50 ha, quer com mais de 50 ha de área agrícola.

2. Evolução das expectativas no período de 1996 a 1998

A partir da informação recolhida nos ensaios efectuados em anos anteriores, é possível observar a evolução verificada nas expectativas dos produtores contactados nas sucessivas operações, com o objectivo de enquadrar o ano de 1998 na tendência observada nos anos mais recentes. Assim, apesar de nestes ensaios a composição do painel se ter alterado de um ano para o outro, normalmente por razões que se prendem com a organização interna dos serviços envolvidos, identificaram-se 839 produtores presentes no conjunto de operações.

Desta forma é possível trabalhar os dados de forma agregada, relativamente a questões menos abertas. Para tal, foram utilizados os apuramentos da questão colocada relativamente ao "*futuro (2/3 anos) da profissão de agricultor*", uma vez que esta será, muito provavelmente, aquela que melhor representará a percepção que cada um dos inquiridos possui relativamente ao seu futuro como profissional da agricultura. A posição de cada empresário face à questão colocada foi tratada como pergunta de resposta fechada, prevendo-se as hipóteses "*melhor*", "*igual*" e "*pior*".

A evolução verificada contém transferências de posição ao longo deste período, em diversos sentidos.

Quadro 2.1-Evolução das expectativas a médio prazo de 1996 a1998

Tendência	1996		1997		1998	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
Pessimista	465	55.4	495	59.0	511	60.9
Expectante	240	28.6	243	29.0	259	30.9
Optimista	134	16.0	101	12.0	69	8.2
Total	839	100.0	839	100.0	839	100.0

O pessimismo assume neste período valores entre 55% e 61% dos inquiridos, aumentando 7% e 3%, respectivamente, nos anos posteriores a 1996. Este reforço da posição pessimista tem origem no "*grupo pessimista*" de partida (1996) e em cerca de

21% daqueles que em 1997 e em 1998 assumiam uma atitude expectante; de igual forma, o "*grupo optimista*" de 1996 cedeu para o pessimista cerca de 11% dos seus efectivos em 1997 e 7% em 1998.

Por outras palavras, se bem que o fenómeno pessimista tenha tendência a aumentar (10% no período em análise), verifica-se que o ritmo desse aumento registou uma tendência decrescente em 1998.

O sentido inverso foi observado nos posicionamentos optimistas que decresceram, ao longo destes anos, a partir de 25% dos inquiridos em 1997 e de 32% em 1998. Essa mudança de opinião foi realizada pela transferência de cerca de 68% do "*grupo optimista*" de 1996 para as outras situações em 1997 e de 78% do mesmo grupo em 1998.

No entanto, é curioso observar que, em termos relativos, é o grupo pessimista que maiores efectivos cede ao grupo optimista, com 36% dos seus efectivos de 1997 e 35% dos de 1998. A participação do "*grupo expectante*" ronda, ainda em termos relativos, 22% e 33% dos seus efectivos de 1997 e 1998, respectivamente. De notar, contudo, que o número de empresários que manifestaram expectativas optimistas neste período retraiu-se em cerca de 50%.

As atitudes expectantes constituíram um posicionamento quase constante ao longo deste período (cresce 1% e 7%). Em termos do conjunto de inquiridos, o "*grupo expectante*" representa cerca de 29% do total de inquiridos para os dois primeiros anos e de 31% destes para o último considerado. Essa manutenção de posição relativa resulta da conjugação de diversos factores: dos empresários que mantiveram as suas posições (os quais representam 48%, 47% e 44%, nos três anos consecutivos) e, também, da alteração de opinião do "*grupo pessimista*" (em 1997, deslocaram-se para esta posição 37% dos inquiridos e, em 1998, 41%). Apesar de participar com valores mais baixos, o "*grupo optimista*" contribuiu com 16% em ambos os anos.

3. Expectativas para 1998-2000

3.1. Intenções de curto prazo para a modificação da empresa

Quanto à intenção de modificação do sistema de produção em 1998, nas respostas obtidas para as opções de *diminuição*, *aumento* e *manutenção* do actual sistema de produção, foram apurados os valores de 3.6%, 10.7% e 85.8% dos inquiridos, respectivamente. Verifica-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo, para a generalidade dos sistemas produtivos; as intenções de manutenção distribuem-se por todas as regiões.

Contudo, foram encontradas diferenças significativas no peso relativo das atitudes activas, seja no sentido da retracção seja no da expansão. Em Trás-os-Montes, a relação entre o número de empresas que pretendem alterar de modo “positivo” a sua exploração (aumento de dimensão, introdução de nova actividade, investimento ou outra forma) e os que tencionam retrai-la é de 17 para 1. No Ribatejo e Oeste e nos Açores (6 para 1), na Beira Litoral (3 para 1) e nas restantes regiões a relação entre expansão e retracção assume menor valor, obtendo-se nestas últimas apenas cerca de duas empresas em expansão por cada uma em processo de retracção.

Quadro 3.1.1-Estratégias de curto prazo por Classe Etária

Classe Etária	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	8	17	301	28	54	39	363	28
40 a <=50 ANOS	7	15	289	26	38	27	334	25
50 a <=60 ANOS	11	23	230	20	23	16	264	20
> 60 ANOS	21	45	306	27	25	18	352	27
Total	47	100	1126	100	140	100	1313	100

As intenções de modificação dos sistemas diferem com a classe etária dos empresários. O grupo com menos de 40 anos apresenta uma forte tendência para o desenvolvimento do sistema de produção (15% dos empresários inquiridos dessa classe).

Note-se que o grupo etário superior a 50 anos é aquele que mais contribui para a estratégias de retracção dos sistema de produção, com cerca de 68% dos inquiridos.

Os valores da relação entre as intenções de aumento e as de diminuição, por classe etária, demonstram que a intenção de modificação é bastante mais forte nas classes mais jovens (cerca de 7 vezes superior na classe de menos de 40 anos, 5 vezes na classe entre 40 e 50 anos, baixando para apenas 2 vezes na classe dos 50 a 60 anos). No grupo etário com idade superior a 60 anos a tendência para a expansão e para a retracção são semelhantes (1.2 vezes).

Quadro 3.1.2 - Estratégias de curto prazo por classe de Dimensão Física (SAU)

Dimensão Física (SAU)	Diminuição		S/ Alteração		Aumento		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 5 ha	16	34	354	32	21	15	391	30
5 a <=20 ha	19	41	403	36	50	36	472	36
20 a <=50 ha	2	4	185	16	35	25	222	17
> 50 ha	10	21	184	16	34	24	228	17
Total	47	100	1126	100	140	100	1313	100

Em termos de dimensão física, as intenções de modificação no sentido da diminuição concentram-se na classe inferior a 20 ha de SAU. O aumento é uma opção mais característica dos empresários que trabalham em dimensões mais elevadas.

No entanto, quando observada a relação entre os extremos, verifica-se que há um aumento progressivo do número de empresários com intenções de ampliação do sistema de produção relativamente aos que declararam intenções de retracção. A relação entre o número de empresários que declararam uma e outra opção é de 1.3 e 3, para a classe de dimensão física inferior a 5 ha e entre 5 e 20 ha, respectivamente, de 18 vezes para a classe com SAU entre 20 e 50 ha, reduzindo-se para 3 na classe de maior SAU. Ou seja, a expansão dos sistemas produtivos é uma opção bastante mais frequente nas médias/grandes empresas do que nas de pequena ou grande dimensão.

Quadro 3.1.3 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Orientação Produtiva (OTE)

Orientação Produtiva	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
Grandes Culturas	6	13	101	9	10	7	117	9
Horticultura	6	13	92	8	8	6	106	8
Cult. Permanentes	4	8	256	23	32	23	292	22
Bovinos	8	17	247	22	39	28	294	23
Ovinos	6	13	111	10	16	11	133	10
Policultura	7	15	122	11	13	9	142	11
Agro-pecuária	10	21	168	15	21	15	200	15
Pecuária sem terra	0	0	28	2	1	1	29	2
Total	47	100	1126	100	140	100	1313	100

Esta relação difere também de acordo com a Orientação Produtiva das empresas. Nas empresas especializadas em Culturas Permanentes, como também nas predominantemente orientadas para Bovinos e para Ovinos, é assinalável a prevalência da tendência para a expansão sobre a retracção (com 8, 5 e 3, respectivamente, valores obtidos para a relação entre empresas em expansão por cada uma em retracção).

Verifica-se que, nas empresas orientadas para as Grandes Culturas, Policultura e Agro-pecuária, a tendência para o aumento da exploração é menos frequente (2 para 1).

Quadro 3.1.4 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Classes: UDE	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<4 UDE	9	19	181	16	13	9	203	16
4 a <8 UDE	11	23	221	20	22	16	254	19
8 a < 16 UDE	9	19	328	29	45	32	382	29
16 a < 40 UDE	13	28	298	26	40	29	351	27
>= 40 UDE	5	11	98	9	20	14	123	9
Total	47	100	1126	100	140	100	1313	100

Relativamente à Dimensão Económica da actividade das empresas, verifica-se que as classes com dimensão superior a 8 UDE são as mais susceptíveis de modificações no sentido do aumento do sistema (75% das observações declararam intenções de aumento do sistema a curto prazo). Na classe de 8 a 16 UDE, por cada empresa em re-

tracção, identificaram-se 5 em expansão, decrescendo o valor desta relação com a diminuição da dimensão económica.

As intenções de modificação distinguem-se igualmente quando se consideram os diversos níveis de Rendibilidade das empresas, verificando-se uma clara tendência para o aumento na classe de maior nível de Rendibilidade, para a manutenção do sistema de produção na classe central e uma tendência para a retracção na classe com menor nível de Rendibilidade.

Quadro 3.1.5- Estratégias de Curto Prazo por Nível de Rendibilidade

Nível De Rendibilidade	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 0.5	18	38	290	26	23	16	331	25
0.5 a <=0.9	16	34	525	47	56	40	597	46
>0.9	13	28	311	28	61	44	385	29
Total	47	100	1126	100	140	100	1313	100

A relação entre as intenções de aumento e as de diminuição mostra-nos que quanto maior o nível de Rendibilidade, maior a predisposição para o aumento do sistema produtivo, observando-se valores na ordem de 1, 4 e 5 empresas em expansão por cada uma que declarou intenções de retracção da actividade, considerando o nível crescente de Rendibilidade obtido em 1996.

3.2. O sentido das estratégias de médio prazo

O sentido imprimido a médio prazo à exploração agrícola foi retratado através de três opções principais, designadamente a *manutenção*, a *expansão* e a *retracção* dos sistemas, tendo cada uma delas atingido globalmente 85%, 9% e 6% dos inquiridos, respectivamente.

Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões trabalhadas. Con-

tudo, no Entre-Douro e Minho e na Beira Litoral verifica-se uma maior incidência das opções de retracção a médio prazo da actividade das empresas.

Algumas regiões distinguem-se no que se refere ao peso relativo da expansão face às intenções de retracção, designadamente os Açores, Beira Interior, Trás-os-Montes, Alentejo e Ribatejo e Oeste, nas quais foram detectadas duas empresas em expansão por cada uma em retracção. No Algarve, o valor é igual para os dois casos. Na Beira Litoral e no Entre-Douro e Minho, sucede já o inverso, com 0.7 e 0.9 empresas em expansão por cada uma que declarou intenções de retracção.

Considerando a decomposição das estratégias identificadas por Classe Etária (Quadro 3.2.1), verifica-se que a retracção é a opção de 48% dos empresários com mais de 60 anos. Por outro lado, no grupo formado pelos empresários com idade menor ou igual a 40 anos, 35% pretende, a médio prazo, concretizar uma estratégia de aumento sensível do actual sistema de produção.

Quadro 3.2.1- Estratégias de médio prazo por Classe Etária

Classe Etária	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	15	18	309	28	39	35	363	28
40 a <=50 ANOS	13	16	290	26	31	28	334	25
50 a <=60 ANOS	16	19	226	20	22	20	264	20
> 60 ANOS	40	48	292	26	20	18	352	27
Total	84	100	1117	100	112	100	1313	100

É com valores relativamente superiores (3 vezes mais) que a classe de menos de 40 anos pretende expandir a empresa, diminuindo este tipo de intenção com o aumento da idade do empresário. No grupo etário mais elevado verifica-se a situação inversa: duas empresas em retracção por cada uma em expansão.

Os apuramentos por classe de SAU indicam que a retracção se concentra nas empresas com menos de 20 ha de SAU (cerca de 76% dos empresários consultados pretendem retrair a sua actividade). Tanto a retracção como a expansão concentram-se, tendencialmente, na classe entre 5 e 20 ha de SAU, com cerca de 43% das observações. A classe de mais de 50 ha de SAU apresenta uma tendência para a expansão com 22% dos inquiridos.

Por tendência, a relação entre as intenções de expansão e as de retracção aumentam proporcionalmente à dimensão física das empresas. Esta relação é 3 vezes superior na classe de maior dimensão, com excepção da classe de menos de 5 ha, na qual se verifica uma ligeira inversão dos valores, com 28 empresas em retracção para 20 que declaram a intenção de expandir a empresa.

Relativamente às orientações produtivas, os dados trabalhados sugerem-nos que as empresas predominantemente orientadas para Culturas Permanentes representam cerca de 32% das opções de expansão. As empresas orientadas para a Policultura apresentam intenções de retracção em cerca de 19 % dos casos observados.

Quadro 3.2.2- Estratégia de Médio Prazo por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
Grandes Culturas	7	8	98	9	12	11	117	9
Horticultura	11	13	89	8	6	5	106	8
Cult. Permanentes	13	16	243	22	36	32	292	22
Bovinos	14	17	260	23	20	18	294	22
Ovinos	9	11	112	10	12	11	133	10
Policultura	14	17	119	11	9	8	142	11
Agro-pecuária	16	19	169	15	15	13	200	15
Pecuária sem terra	0	0	27	2	2	2	29	2
Total	84	100	1117	100	112	100	1313	100

Verifica-se que nas orientações de Culturas Permanentes e Grandes Culturas, as opções de expansão possuem maior expressão. As orientações produtivas como a Horticultura, a Policultura e a Agro-Pecuária apresentam valores inferiores à unidade sendo, portanto, as intenções de retracção mais frequentes que as de sentido inverso.

A Pecuária sem Terra não manifestou qualquer intenção de retracção e nas restantes orientações verifica-se uma igualdade de situações num e noutra caso.

Quando observada a decomposição do painel através da Dimensão Económica das empresas, verifica-se uma maior predisposição para a retracção nas duas classes de menor UDE. Nas restantes classes, o valor da expansão é duas vezes superior à retracção.

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que, tal como no curto prazo, as empresas mais rendíveis possuem maior apetência para a expansão dos sistemas produtivos do que as que, em 1996, obtiveram resultados económicos de nível inferior.

Quadro 3.2.3 - Estratégias de Médio Prazo por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 0.5	37	44	275	25	19	17	331	25
0.5 a <=0.9	26	31	527	47	44	39	597	46
>0.9	21	25	315	28	49	44	385	29
TOTAL	84	100	1117	100	112	100	1313	100

Nos dois níveis de rendibilidade intermédio e alto, por cada empresa em retracção observaram-se, respectivamente, 1.7 e 2.3 empresas em expansão; no nível de rendibilidade inferior a situação é inversa: por cada empresa que expande, há 2 empresas que retraem.

Os resultados obtidos relativamente às estratégias de médio prazo podem ser confrontados com as intenções de curto prazo atrás referidas. A relação estabelecida entre as respostas a estas duas questões foi efectuada relacionando o número de inquiridos que manifestaram o mesmo tipo de intenção activa para as suas empresas a médio prazo e a curto prazo.

Verifica-se que a retracção a médio prazo é 1.9 vezes superior à retracção a curto prazo. Com excepção da classe etária de 50 a 60 anos (que apenas atinge um valor de 1.5), em todas as restantes classes a retracção a médio prazo é, por tendência, mais elevada.

Por outro lado, no grupo formado pelos empresários que pretendem expandir as suas empresas, os resultados a curto e médio prazo são consistentes, ou seja, aqueles que declaram pretender expandir as suas empresas no futuro estão já a fazê-lo hoje.

Relativamente à Dimensão Física os resultados apontam para uma concentração da retracção nas classes de dimensão inferior a 20 ha (aqui, a retracção a médio prazo é 6 vezes superior à retracção a curto prazo).

Em cada uma das classes de dimensão física consideradas, a relação entre a retracção a médio prazo e a curto prazo aumenta proporcionalmente à dimensão das empresas, com valores de 1.8, 1.9 e 6 vezes; na classe de maior dimensão verifica-se uma inversão desta tendência: 0.8 empresas com intenção de retrain a médio prazo por cada empresa a retrain a curto prazo.

No que diz respeito à expansão, verifica-se uma identidade de intenções a médio e curto prazo para as duas classes de SAU de menor dimensão, enquanto nas duas classes de dimensão superior, a expansão constitui um processo de amplitude superior a curto prazo.

Relativamente às orientações produtivas, os dados trabalhados sugerem-nos que, no caso da retracção, em todos os sistemas produtivos se verificam intenções de retrain a médio prazo superiores às intenções de curto prazo, sendo de salientar os sistemas orientados para Culturas Permanentes (3 vezes superior), Policultura (2 vezes), Horticultura e Bovinos (1.8 vezes). A Agro-Pecuária e os Ovinos atingem valores, respectivamente, de 1.6 e 1.5. A Pecuária sem Terra não manifesta qualquer retracção a curto prazo e as Grandes Culturas obtêm 1.2 nesta relação.

No que se refere à expansão, possuem mais expressão a médio prazo as orientações produtivas de Agro-Pecuária (com 2 empresas em expansão a médio prazo por cada

uma a expandir a curto prazo), as Grandes Culturas e Culturas Permanentes (com 1.2 e 1.1, respectivamente). As restantes orientações apresentam valores inferiores à unidade, pelo que as intenções de expansão a curto prazo são superiores à expansão a médio prazo.

Quando observada a Dimensão Económica das empresas com intenção de retracção, verifica-se uma maior importância do médio prazo na classe de menor UDE (2.2 empresas a retrain a médio prazo por uma a curto prazo) e na classe de 16 a 40 UDE, na qual esta relação é de 2 para 1; as restantes classes situam-se entre 1.8 e 1.4.

O número de empresas que pretendem expandir-se aumenta de forma sensivelmente proporcional à Dimensão Económica, atingindo-se o valor unitário nas maiores dimensões. Os apuramentos efectuados com base no Nível de Rendibilidade indicam que, quanto à retracção, as empresas não rendíveis consideram a possibilidade de retrain a médio prazo com maior intensidade do que no curto prazo. No caso da expansão dos sistemas produtivos, o valor é idêntico para todas as classes (0.8), o que significa que a expansão a médio prazo constitui uma intenção de menor expressão do que a de curto prazo.

Relativamente às intenções de retracção, o Ribatejo e Oeste possui uma relação de 4.7 empresas a retrain a médio prazo por cada uma que se retrai a curto prazo, seguido de Trás-os-Montes com 4 e do Algarve com 3. A Beira Litoral, o Entre-Douro e Minho e o Alentejo apresentam valores de 2.1, 1.5 e 1.2, respectivamente. Os Açores apresentam valores idênticos quer a médio quer a curto prazo, e a Beira Interior obtém um valor inferior (0.9).

Quanto à expansão, verifica-se que as intenções de médio prazo são superiores às de curto prazo nas regiões do Algarve e Madeira, com 1.5 empresas em expansão a médio prazo para cada uma que se expande a curto prazo. No Entre-Douro e Minho e no Ribatejo e Oeste, esta relação assume apenas valores de 1.2 e 1.1, respectivamente. No Alentejo o valor é igual para ambos os casos. Nas Beiras, Trás-os-Montes e Açores sucede o inverso, com valores entre 0.9 e 0.4 empresas em expansão a médio prazo por cada uma que se expande a curto prazo.

3.3. A obtenção de rendimentos não agrícolas

Auscultou-se a intenção de obter novas fontes de rendimentos (não agrícolas) ou de reforçar as já existentes, diferenciando-se os rendimentos obtidos de forma exterior à empresa dos que nela são realizados.

Cerca de 87% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 11% dos produtores contactados pretendem recorrer a fontes externas à exploração, mas apenas 2% admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa.

Este tipo de opção diferencia-se ligeiramente conforme a localização das empresas. Nas regiões de Entre-Douro e Minho, Ribatejo e Oeste, Trás-os-Montes e na Beira Interior são mais procuradas as fontes externas de rendimento complementar, enquanto que no Alentejo e Beira Litoral são mais frequentes os casos de busca de fontes alternativas dentro da própria empresa.

Quadro 3.3.1 - Rendimentos Complementares por Classe Etária

Classe Etária	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	57	39	296	26	10	44	363	28
40 a <=50 ANOS	44	30	286	25	4	17	334	25
50 a <=60 ANOS	28	19	233	20	3	13	264	20
> 60 ANOS	17	12	329	29	6	26	352	27
Total	146	100	1144	100	23	100	1313	100

Os empresários inquiridos das regiões da Madeira e do Algarve só procuram rendimentos exteriores à empresa agrícola. Em Trás-os-Montes, o número das empresas que pretendem recorrer ao rendimento exterior é 19 vezes superior ao das que não admitem tal hipótese, seguida da Beira Interior, onde se atinge um valor 16 vezes superiores. No Minho e Ribatejo, esta relação é de 10 e 6, respectivamente, e nas restantes regiões os valores são inferiores a 4.

A procura de rendimentos complementares por classe etária indica a preferência das opções externas na empresa pelos grupos com idade inferior aos 50 anos. O grupo mais jovem procura, tendencialmente, rendimentos complementares, com valores superiores a 39% para ambas as situações.

São os dois grupos de idade intermédia que procuram, de forma mais intensa, rendimentos fora da empresa, verificando-se que 11 e 9 vezes mais produtores, respectivamente, pretendem obter rendimentos fora da exploração do que os que declaram pretender fazê-lo internamente; a classe de menos de 40 anos atinge um valor 6 vezes superior e a classe com mais de 60 anos apenas atinge metade desta grandeza.

A procura de rendimentos complementares, quando analisada por classes de SAU indica uma maior frequência desta opção nas classes de dimensão pequena/média; na classe de menos de 5 ha de SAU, 38% dos produtores inquiridos pretendem obter rendimentos fora da empresa. Porém, é na classe de 5 a 20 ha de SAU que 44% dos produtores estão abertos à busca de rendimentos complementares dentro da própria exploração.

Na classe de pequena dimensão (até 5 ha de SAU) a busca de rendimentos externos é 11 vezes superior à das soluções internas; na classe de área seguinte este valor é de apenas 6, diminuindo nas classes de maior dimensão.

Quando analisadas as intenções de busca de rendimentos complementares por orientação produtiva, verificou-se uma maior frequência desta intenção nos sistemas produtivos de Culturas Permanentes, quer no que diz respeito a rendimentos exteriores à exploração, quer nos rendimentos internos.

Quadro 3.3.2- Rendimentos Complementares por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física (SAU)	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 5 ha	55	38	331	29	5	22	391	30
5 a <=20 ha	59	40	403	35	10	44	472	36
20 a <=50 ha	21	14	197	17	4	17	222	17
> 50 ha	11	8	213	19	4	17	228	17
Total	146	100	1144	100	23	100	1313	100

Nas explorações diversificadas (Policultura e Agro-Pecuária), só se atingem valores relativos à procura de rendimentos não agrícolas no interior. A relação entre a procura de rendimentos fora e dentro da empresa atinge valores 12 vezes superior para as explorações de Ovinos, seguidas dos Bovinos e das Grandes Culturas com 8 vezes; finalmente, nas orientações de Culturas Permanentes e Policultura esta relação atinge um valor de 6 vezes. Os restantes sistemas apresentam valores menos relevantes para este tipo de opção, com excepção da Horticultura, orientação na qual não se verificaram casos com este tipo de intenção.

Por classe de Dimensão Económica, verifica-se ser mais frequente este tipo de opção nas classes de menor dimensão (até 8 UDE).

A busca de rendimentos complementares à actividade agrícola propriamente dita diminui claramente com o aumento do Nível de Rendibilidade das empresas, com valores de 8, 6 e 5 vezes, respectivamente, nas três classes de Rendibilidade. No grupo de rendibilidade intermédia, verifica-se que os dois tipos de opção atingem praticamente o mesmo nível de frequência (44% para a procura dentro da empresa e 43% no exterior).

3.4. A conjuntura agrícola em 1998

A questão foi colocada numa altura em que ainda não se configuravam as características que marcam o momento presente da campanha agrícola de 1997/98. A maior parte dos empresários foram inquiridos até à primeira quinzena do mês de Novembro de 1997 nos seguintes termos: “*Como considera o ano agrícola de 1998 em relação*

ao ano de 1997?”. Optou-se por uma pergunta com resposta fechada, prevendo-se as opções “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*”. Globalmente, foram apurados os valores de 36%, 47% e 17%, respectivamente, o que denota uma tendência relativamente pessimista para a generalidade dos produtores inquiridos.

É de salientar que na Beira Interior há mais empresários otimistas que pessimistas (18 para 13). No Alentejo, na Beira Litoral e em Trás-os-Montes, há uma relação muito próxima entre o número de otimistas e pessimistas (valores entre 1.3 e 1.4 pessimistas por cada optimista). Esse valor aumenta para 2 no Algarve e para 3 no Entre-Douro e Minho e no Ribatejo e Oeste. Nas Regiões Autónomas, a situação é bastante semelhante, havendo cerca de 11% de empresários (correspondendo a 50), em cada região, que considera que o ano de 1998 será pior.

Quadro 3.4.1 - O ano de 1998 relativamente ao de 1997, por Região Agrária (%)

Região Agrária	Pior	Igual	Melhor
Entre-Douro e Minho	44	42	14
Trás-os-Montes	20	65	15
Beira Litoral	38	35	27
Beira Interior	16	62	22
Ribatejo e Oeste	40	49	11
Alentejo	34	42	24
Algarve	41	35	24
R. A. da Madeira	61	34	5
R. A. dos Açores	46	48	6

Relativamente aos diferentes grupos etários considerados neste estudo, verifica-se um pessimismo generalizado, sendo de realçar um relativo optimismo na classe com mais de 60 anos.

A relação entre o número de empresários pessimistas e otimistas é um pouco mais elevada nos grupos com menos de 50 anos, com 2.3 e 2.4, respectivamente, em cada um desses dois grupos, enquanto que na classe de 50 a 60 anos é de 2.1; a classe de mais de 60 anos situa-se nos 2, com o menor grau de pessimismo.

Quadro 3.4.2 - O ano de 1998 relativamente ao de 1997, por Classe Etária

Classe Etária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	128	27	179	49	56	15	363	28
40 a <=50 ANOS	128	38	153	25	53	24	334	25
50 a <=60 ANOS	96	20	122	20	46	21	264	20
> 60 ANOS	125	26	163	46	64	29	352	27
Total	477	100	617	100	219	100	1313	100

Em relação às classes de SAU, o optimismo é encontrado com maior frequência na classe de maior SAU e na de menos de 5 ha; o pessimismo situa-se também na classe de menos de 5 ha e na de 5 a 20 ha. A razão entre os dois extremos (pior e melhor) cresce à medida que aumenta a classe de SAU, de 2.3 para 2.6 até 20 ha SAU. Decresce a seguir para 2.1, entre 20 a 50 ha. Na classe de maior SAU, o pessimismo diminui, atingindo apenas 1.3 vezes, o que representa 60 empresas que consideram o ano de 1998 pior, ao contrário das 46 que prevêem para esse ano melhorias para a actividade agrícola.

Na decomposição da amostra por Orientação Produtiva verifica-se que cerca de metade das empresas orientadas para a Horticultura, os Bovinos e a Agro-Pecuária considera o ano de 1998 semelhante ao de 1997. Cerca de 24% das empresas orientadas para a Bovinicultura consideram também o ano de 1998 pior do que 1997; são também essas empresas que mais participam na penalização do ano de 1997. À data do inquérito, 26% das empresas com orientação para as Culturas Permanentes e 17% das empresas Agro-pecuárias consideraram 1998 melhor do que o ano anterior,. As Grandes Culturas, como a Policultura, admitem situações em ambas as direcções na mesma proporção.

Quadro 3.4.3 - O ano de 1998 relativamente ao de 1997, por Orientação Produtiva

Classes: OTE	Pior		Igual		Melhor		Total	
	n° exp.	%	n° exp.	%	n° exp.	%	n° exp.	%
Grandes Culturas	49	10	46	7	22	10	117	9
Horticultura	38	8	55	9	13	6	106	8
Cult. Permanentes	104	22	131	21	57	26	292	22
Bovinos	116	24	145	24	33	15	294	23
Ovinos	44	9	61	10	28	13	133	10
Policultura	55	12	60	10	27	12	142	11
Agro-pecuária	60	13	104	17	36	17	200	15
Pecuária sem terra	11	2	15	2	3	1	29	2
Total	477	100	617	100	219	100	1313	100

A relação entre pior e melhor nas diversas classes de OTE, sugerem que nas especializações de Bovinos e de Pecuária sem Terra, a situação é considerada menos favorável (com 4 pessimistas para um optimista), seguidas da Horticultura, com 3. As restantes orientações obtêm um valor mais baixo, cerca de 2 para 1.

Dentro das classes de Dimensão Económica, o ano de 1998 é considerado relativamente melhor nas classes até 8 UDE e acima de 40 UDE. O pessimismo provém, com maior incidência, das classes centrais (entre 4 a 16 UDE).

Relativamente aos níveis de Rendibilidade das empresas, a comparação do ano agrícola de 1998 com o ano de 1997 não apresenta diferenças significativas entre as diferentes classes consideradas.

3.5. Perspectivas de médio prazo para a situação profissional na agricultura

Quando questionados sobre a perspectiva da vida profissional nos próximos 2/3 anos, através das opções de resposta de “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*”, 61% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 30% consideraram que o quadro geral irá manter-se, e apenas 9% encaram com maior optimismo o seu enquadramento profissional futuro. Por outras palavras,

estes resultados, quando comparados com os da questão anterior, denotam um certo agravamento da perspectiva pessimista já referida para o corrente ano.

Os resultados mais pessimistas foram obtidos nas regiões da Madeira e Beira Litoral, com 81% e 73% dos empresários inquiridos, respectivamente, a admitirem uma degradação do horizonte profissional a médio prazo. A estabilidade encontra-se lado a lado com o pessimismo no Ribatejo e Oeste, com um peso relativo de 45% dos empresários (79 e 78 explorações).

A relação entre pessimismo e optimismo é acentuada em todas as regiões, possuindo, contudo, maior expressão na Madeira e no Entre-Douro e Minho com cerca de 17 e 13 pessimistas por cada optimista, respectivamente. Todas as restantes regiões apresentam valores sucessivamente inferiores, com excepção do Algarve onde se verifica igual número de empresas para as duas perspectivas, o que, em relação ao global, torna aquela a região mais optimista.

Relativamente aos grupos etários considerados, verifica-se que na classe do extremo inferior se encontram níveis de resposta ligeiramente menos pessimistas, obtendo-se valores de 4.8 quando se relaciona o número de empresários pessimistas com os optimistas. A classe com 40 a 50 anos obteve um valor de cerca de 7.6, sendo relativamente menos pessimistas os empresários pertencentes à classe entre 50 e 60 anos (com 5.4). O grupo etário mais idoso é aquele que apresenta maior grau de pessimismo, medido nestes termos.

Quadro 3.5.1 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe Etária

Classe Etária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	202	25	119	30	42	34	363	28
40 a <=50 ANOS	204	26	103	26	27	22	334	25
50 a <=60 ANOS	151	19	85	22	28	23	264	20
> 60 ANOS	240	30	86	22	26	21	352	27
Total	797	100	393	100	123	100	1313	100

Nas diversas classes de SAU verificou-se que o pessimismo diminui com o crescimento da dimensão física, com valores de 9, 7 e 3 vezes (com excepção da classe de mais de 50 ha, na qual se obteve um valor superior ao das duas classes imediatamente inferiores, com 8 empresas pessimistas para uma optimista).

As perspectivas profissionais de médio prazo diferem sensivelmente quando se consideram as diferentes orientações produtivas. As explorações de Bovinos são aquelas onde se verificam perspectivas relativamente mais optimistas, sendo as empresas de Grandes Culturas e de Ovinos as mais pessimistas quanto ao futuro próximo.

A decomposição das respostas por classe de Dimensão Económica da actividade das empresas mostra que a relação entre o pessimismo e o optimismo oscila entre 10 e 5, sendo o primeiro valor para as duas classes mais pequenas de UDE. As restantes classes situam-se entre 5 e 6, sendo a menos pessimista a classe de 16 a 40 UDE.

Quadro 3.5.2 - Perspectiva de Médio Prazo para a Actividade Agrícola, por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Classes: UDE	Pior		Igual		Melhor		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<4 UDE	131	16	59	15	13	11	203	16
4 a <8 UDE	170	21	67	17	17	14	254	19
8 a < 16 UDE	223	28	119	30	40	32	341	29
16 a < 40 UDE	204	26	105	27	42	34	351	27
>= 40 UDE	69	9	43	11	11	9	123	9
Total	797	100	393	100	123	100	1313	100

Relativamente às perspectivas dos empresários contidos em cada um dos níveis de rendibilidade considerados neste estudo, verifica-se que a distribuição das respostas recai, com alguma incidência, na manutenção do actual quadro profissional, nas duas classes de nível mais elevado. Contudo, é de assinalar um elevado grau de pessimismo no nível de rendibilidade inferior. Na classe de nível intermédio de rendibilidade concentra-se a perspectiva de manutenção da actual situação profissional do produtor. É na classe de rendibilidade superior que se verifica o menor grau de pessimismo. O pessimismo decresce claramente à medida que aumenta o nível de rendibilidade das empresas.

Quando se relaciona a perspectiva da vida profissional nos próximos 2 a3 anos, com a situação presente, quer na atitude pessimista, quer na atitude otimista, os resultados denotam um certo agravamento da perspectiva pessimista.

Relativamente aos grupos etários considerados e ao posicionamento pessimista relativamente à profissão de agricultor, verifica-se que nas três classes mais jovens se encontram níveis de resposta menos pessimistas: a relação entre o número de empresários pessimistas a médio prazo e os que manifestaram o mesmo tipo de perspectiva a curto prazo é de 1.6. Na classe com mais de 60 anos foi obtido um valor de 1.9 para esta relação. No optimismo, sendo esta relação inferior à unidade, depreende-se que o curto prazo é normalmente considerado de forma mais favorável, face às perspectivas de médio prazo (0.8 e 0.5 para as duas classes mais jovens e de 0.6 e 0.4 para as duas mais idosas).

Para a Dimensão Física, é notório o optimismo a médio prazo observado na classe de 20 a 50 ha de SAU (1.1 empresas optimistas a médio prazo para uma optimista a curto prazo). Nas restantes classes, o optimismo é mais patente a curto prazo do que a médio prazo, obtendo valores entre 0.4 e 0.5.

As perspectivas profissionais diferem sensivelmente quando se consideram as diferentes orientações produtivas. O pessimismo a médio prazo apresenta valores superiores a 2 nas orientações produtivas de Ovinos e Agro-Pecuária; nas restantes orientações, os valores situam-se entre 1.4 e 1.7. Relativamente ao optimismo, nas explorações de Bovinos verificam-se valores para esta relação relativamente mais elevados (1.1 empresas optimistas a médio prazo por uma empresa optimista a curto prazo). Nas empresas de Horticultura e de Agro-Pecuária (0.8 e 0.6, respectivamente) e nas restantes orientações produtivas (com valores próximos de 0.3) verifica-se a tendência inversa, ou seja, o optimismo a curto prazo é superior ao de médio prazo.

Relativamente às perspectivas dos empresários contidos em cada um dos níveis de Rendibilidade considerados, verifica-se uma ligeira tendência para a diminuição do peso relativo do pessimismo a médio prazo com o aumento da rendibilidade das empresas. O inverso sucede relativamente aos empresários optimistas.

O pessimismo é acentuado em todas as regiões, verificando-se um reforço acentuado das atitudes pessimistas de médio prazo relativamente às de curto prazo em todas as regiões (excepto no Algarve), com maior peso na Beira Interior e em Trás-os-Montes (cerca de 3). O Entre-Douro e Minho, a Beira Litoral e o Alentejo apresentam um valor de 2 para esta relação. Para o optimismo, com excepção do Algarve e da Madeira (nas quais se verifica igual número de empresas para as duas situações), as restantes regiões quedam-se por valores inferiores. De salientar o valor obtido nos Açores, onde a relação atinge o valor de 2.2 empresas optimistas a médio prazo por uma optimista a curto prazo.

3.6. Principais dificuldades sentidas pelo agricultor

Pretendeu-se averiguar quais as principais dificuldades sentidas pelos empresários inquiridos, admitindo-se apenas referência à dificuldade à que é atribuída, pelo próprio, maior importância. Tratando-se de uma pergunta aberta, após análise e classificação do conjunto de respostas, constituíram-se cinco grandes grupos de dificuldades: Socio-políticas, Agro-climáticas, Economia da Empresa, Enquadramento Económico Global e Dificuldades Internas da Empresa.

Genericamente, as dificuldades associadas ao Enquadramento Económico Global da actividade das empresas (escoamento dos produtos, custo dos factores de produção, rendimentos e margens de lucro baixos, entre outras) foram as mais referenciadas (51% das respostas); em segundo lugar, foram referidos os Bloqueamentos Estruturais (Dificuldades Internas) das empresas, em 17% das respostas. Por ordem decrescente de importância, surgiram a Situação Socio-política, a Situação Económica da Empresa e, finalmente, os factores Agro-climáticos, com 11%, 10% e 9% das respostas, respectivamente. De salientar, que cerca de 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade (24 empresas).

A decomposição das dificuldades sentidas por classe etária denota uma tendência para a referência da Situação Socio-política e de Estrutura da Empresa no grupo com mais de 60 anos; por outro lado, a classe mais jovem assinala, preferencialmente, questões de natureza económica, sejam factores associadas ao Enquadramento Económico da Actividade, sejam factores Internos da Empresa; os empresários de 50 a 60 anos referem, em primeiro lugar, as condições Agro-climáticas e Estruturais da Empresa.

Quadro 3.6.1- Principais Dificuldades por Classe Etária

Classe Etária	socio-político		agro-climático		economia empresa		quadro económico		estrutura empresa		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	27	20	32	27	44	34	199	29	54	24	356	27
40 a <=50 ANOS	34	25	30	25	35	27	180	27	49	21	328	25
50 a <=60 ANOS	25	18	28	23	24	18	127	19	53	23	257	20
> 60 ANOS	52	37	30	25	27	21	166	25	73	32	348	26
Total	138	100	120	100	130	100	672	100	229	100	1289	98⁽¹⁾

⁽¹⁾ Cerca de 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade

As dificuldades referidas pelos empresários, quando desagregadas por classes de SAU, mostram-nos que nas duas classes de menor dimensão física das empresas há maior incidência do Enquadramento Económico Global; por sua vez, as duas classes de maior dimensão salientam, sobretudo, as condições Estruturais da Empresa. As

Quadro 3.6.2 - Principais Dificuldades por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física (SAU)	socio-político		agro-climático		economia empresa		quadro económico		estrutura empresa		Total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 5 ha	41	30	25	21	36	28	212	32	66	29	380	29
5 a <=20 ha	51	37	27	23	53	41	254	38	77	33	462	35
20 a <=50 ha	24	17	18	15	22	17	111	16	45	20	220	17
> 50 ha	22	16	50	41	19	14	95	14	41	18	227	17
Total	138	100	120	100	130	100	672	100	229	100	1289	98⁽¹⁾

⁽¹⁾ Cerca de 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade

dificuldades que resultam de limitações Económicas da Empresa são mais insistentemente referidas pela classe de 5 a 20 ha de SAU e as condições agro-climáticas pela classe de maior SAU. De salientar que as condições Socio-políticas atingem todas as classes com igual frequência.

O conjunto de questões de natureza Socio-política são referidas, com alguma insistência, pelas explorações predominantemente orientadas para os Bovinos, Ovinos e Agro-Pecuária. As dificuldades de natureza Agro-climática possuem expressão considerável nas explorações orientadas para as Grandes Culturas, Ovinos e nas diversificações Agro-pecuárias. Os aspectos decorrentes de limitações da Economia da Empresa são especialmente levantados pelos empresários responsáveis por empresas orientadas para a produção de Grandes Culturas, Bovinos e Ovinos. Nos aspectos associados ao Enquadramento Económico Global, assumem grande peso as empresas Hortícolas e de Culturas Permanentes. Com Dificuldades Estruturais encontram-se as empresas orientadas para as Culturas Permanentes e a Policultura.

Relativamente à Dimensão Económica das empresas, apenas existem ligeiras variações na importância dada aos aspectos ligados à Economia das Empresas por parte das três classes de pequena dimensão; associadas à Estrutura da Empresa, estão as respostas tanto dos empresários das classes de menor dimensão como as dos de maior dimensão económica; nesta última os aspectos agro-climáticos possuem igualmente um peso assinalável. As dificuldades resultantes do Enquadramento Económico Global encontram-se, com maior frequência, na classe de 16 a 40 UDE.

Atendendo ao nível de Rendibilidade das empresas, verificam-se ligeiras diferenças entre as classes consideradas. As empresas consideradas rendíveis referem sobretudo dificuldades nas esferas Agro-climática e da Estrutura das Empresas, enquanto que as não rendíveis insistem nas limitações resultantes da situação Socio-política e Económica da Empresa.

Conclusões

A informação trabalhada tem origem num painel de 1313 produtores, devendo os resultados ser tomados com carácter meramente indicativo, sujeitos às habituais restrições colocadas em operações com estas características.

Os inquiridos manifestam algum pessimismo quanto ao momento actual, pressentindo um agravamento das condições profissionais no futuro próximo. Contudo, cerca de 10% pretendem continuar a desenvolver as suas explorações, prevendo assim um futuro mais optimista.

Quanto à intenção de modificação sensível em 1998, foram apurados os valores de 3.6%, 10.7% e 85.8% dos inquiridos, respectivamente para a diminuição, o aumento e a manutenção do actual sistema de produção. Verifica-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo para a generalidade dos sistemas produtivos; contudo, foram encontradas diferenças significativas no peso relativo das atitudes activas, seja no sentido da retracção, seja no da expansão dos actuais sistemas produtivos. As intenções de modificação dos sistemas diferem com a classe etária dos empresários (aumento para os mais jovens e retracção para os mais idosos), com a dimensão física e económica (diminuição nas pequenas dimensões e aumento para as maiores) e com o nível de rendibilidade (aumento na classe mais rendível, manutenção na classe central e diminuição na de rendibilidade inferior).

As estratégias de médio prazo identificadas, retratadas através de três opções principais (manutenção, expansão e retracção), atingiram valores de 85%, 9% e 6%, respectivamente. Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões. Verifica-se uma coerência entre as posições face às opções de curto prazo, em cada grupo de empresários formados a partir dos critérios de decomposição do painel.

Cerca de 87% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 11% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração; apenas 2% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa. Esta perspectiva é característica dos sistemas produtivos com uma sazonalidade mais acentuada de ocupação de mão-de-obra; os sistemas de mão-de-obra intensiva (Horticultura e Pecuária sem Terra) por tendência não aderem a este tipo de processo de aumento de rendimento; relativamente aos sistemas diversificados, designadamente os que incluem actividades pecuárias, quando muito, tem sentido a obtenção de rendimentos não agrícolas no interior da empresa. A procura de rendimentos não agrícolas constitui uma opção, sobretudo, para os empresários responsáveis de empresas com menores níveis de rendibilidade.

Na opinião do inquiridos a expectativa relativa ao ano de 1998 assemelha-se à do ano de 1997, com agravamento das tendências pessimistas: as opções “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*” agregaram 36%, 47% e 17% dos produtores inquiridos, respectivamente. O optimismo verifica-se com mais incidência nos grupos etários superiores, com dimensão física (SAU) mais elevada, não constituindo um aspecto sensível relativamente ao nível de rendibilidade das empresas.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 61% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 30% consideraram que o quadro geral irá manter-se e apenas 9% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro. Ou seja, quando comparados estes resultados com os da questão anterior, denota-se um certo agravamento da tendência pessimista já referida para o corrente ano. Em todas as regiões predominam as atitudes pessimistas, verificando-se uma tendência para o agravamento no grupo etário superior. O pessimismo diminui com o aumento da dimensão física das empresas, sendo em tendência menor nas explorações agrícolas de Bovinos e relativamente mais acentuado nas de Ovinos e Grandes Culturas. O pessimismo é inversamente proporcional ao nível de rendibilidade das explorações agrícolas.

As dificuldades no Enquadramento Económico Global foram as mais referenciadas (51% das respostas) pelos inquiridos; nesta categoria de dificuldades sobressaíram, como principais dificuldades, o escoamento da produção, os custos dos factores e o nível de rendimento. Em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (em 17% das respostas); a Situação Socio-política, a Situação Económica da Empresa e os Factores Agro-climáticos atingiram apenas 11%, 10% e 9% das respostas, respectivamente. Apenas 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.